



ESTÁGIO SUPERVISIONADO: ASPECTOS OBSERVADOS NA DISCIPLINA DE QUÍMICA

Maria Karina da Silva¹

Antônio Francisco dos Santos Filho²

RESUMO

O artigo tem como principal objetivo fazer uma análise geral sobre o andamento da disciplina de Química em uma escola pública, localizada na cidade de Teresina - PI por meio de um Estágio Supervisionado. Para isso, foram escolhidas duas turmas de ensino médio, mais especificamente, uma do 1º ano e uma do 3º ano, e assim concretizar as atividades de observação e avaliação necessárias. Dessa forma, o primeiro passo se deu pela observação dentro da sala de aula, na qual, a turma do 1º ano se destacou pela grande quantidade de conversas paralelas, pouco foco e participação precária durante as aulas, ao contrário da turma de 3º ano, que apresentava um comportamento bem equilibrado, em que a predominância eram alunos mais focados e participativos no decorrer das aulas, tornando o ambiente formidável. Ademais, foi realizada uma espécie de entrevista com o professor, afim de conhecer melhor a sua experiência acadêmica e profissional, metodologias abordadas pelo mesmo e, ainda, suas opiniões em relação ao ensino da química. Em suma, alguns discentes também foram convidados a responder um questionário contendo três perguntas simples sobre a vida escolar, em que a resposta consistia em apenas "sim" ou "não", sem precisar se identificar e não haver receio ao responder.

PALAVRAS-CHAVE: Química; Estágio Supervisionado; Ensino Médio.

1 *Graduanda em Licenciatura Plena em Química pela Universidade Estadual do Piauí - (UESPI).
Graduanda em Química. E-mail: contatkarina@gmail.com*

2 *Graduando em Licenciatura Plena em Química pela Universidade Estadual do Piauí - (UESPI).
Graduando em Química. E-mail: antonniossantos@gmail.com*



INTRODUÇÃO

O estágio é de suma importância na vida do licenciado, pois o insere no ambiente escolar, procurando estimular um crescimento pessoal e profissional. O estudante irá desenvolver todo conhecimento adquirido no decorrer do seu curso, tendo a oportunidade de observar a teoria associada à prática, com o objetivo de estimular a aprendizagem e, ainda, ter a liberdade de construir sua identidade profissional.

Para muitos estudantes, a única relação que obtiveram com a sala de aula, até então, foi na condição de alunos, a partir de agora os papéis se invertem, e terão que assumir a função de professor, por isso esses estudantes carregam consigo muita expectativa e ansiedade (MILANESI, 2012, p. 209). Deste modo, o estágio é um processo de aprendizagem indispensável para a formação da personalidade do profissional e de muita para os estudantes dos cursos de licenciatura, pois nele encontra-se a oportunidade de conhecer os saberes do dia-a-dia e exercer sua profissão (PRADO, 2009; PIMENTA, 2004). Além disso, é necessário que o estagiário aprenda a observar e identificar os principais problemas ocorrentes em sala de aula, estar sempre buscando informações e aprendendo, questionar o que encontrou, e ainda trocar conhecimentos, de forma a sanar suas dúvidas com professores mais experientes (OLIVEIRA, 2005).

O estágio é uma prática que deve exceder a sala de aula, tendo uma perspectiva interdisciplinar e proporcionando ao futuro professor uma melhor percepção do ambiente educacional e do contexto escolar, para a formação da personalidade do professor como educador (ZANON, 2012). Sendo assim, uma das principais ferramentas para relacionar a teoria com a prática é a observação, na qual, possibilita que o licenciado entre em contato com a prática docente. O ato de observar é indispensável para compreender e analisar as relações dos sujeitos entre si e o meio em que vivem (ARAGÃO, SILVA, 2012). Em suma, a prática de observação deve proporcionar uma construção de autonomia intelectual por meio de um primeiro contato com a profissão em questão, possibilitando que durante a formação, construa-se uma compreensão da pluralidade que existe na escola. Com isso a observação



contribui para o aprofundamento e percepção do acadêmico, visando demonstrar ao mesmo as complexidades que a vida acadêmica propicia, atrelando a está um leque de temas que norteiam o ensino aprendizagem (ZINKE, GOMES, 2015).

Muitos autores reiteram que a observação em meio a um curso de licenciatura tem como base, as relações interpessoais que o futuro educador pode adquirir nessa etapa da sua formação, visto que este é o momento em que o acadêmico tem contato com a forma e trejeitos de como lidar com as situações que essa profissão sucinta, como no lidar com alunos, relações entre os próprios companheiros de profissão e na forma como se porta perante uma sala de aula. Apesar da questão de postura em sala ser vista ao longo da grade curricular da grande maioria dos cursos, observa-se que o acadêmico assimila essa concepção a partir do momento que tem esse contato com o estágio.

Reiterando o que até aqui foi discutido, que o posicionamento de Freire (1992, p. 14) é citado:

Observar uma situação pedagógica é olhá-la, fitá-la, mirá-la, admirá-la, para ser iluminado por ela. Observar uma situação pedagógica não é vigiá-la, mas sim fazer vigília por ela, isto é, estar e permanecer acordado por ela na cumplicidade pedagógica (FREIRE, 1992, p. 14).

Com isso, pode-se dizer que o ato de observar, não tem uma ideia de vazio, já que essa prática traz consigo a descoberta de como a escola tem sua complexidade e de que o educador deve estar preparado para os desafios que iram cercá-lo. Dessa forma Piconez (1991, p.21) argumenta:

Com a prática da reflexão sobre a prática vivida e concebida teoricamente, são abertas perspectivas de futuro proporcionadas pela postura crítica, mais ampliada, que permitem perceber os problemas que permeiam as atividades e a fragilidade da prática (PICONEZ, 1991, p.21).

O presente artigo abordará a prática de observação da realidade da educação dos alunos de 1º(A) e 3º(A) ano do ensino médio, analisando o comportamento dos educandos



durante as aulas, o desempenho do professor em busca de novos meios para uma melhor ensino-aprendizagem, a estrutura física da escola e de questionários realizados.

METODOLOGIA

Essa pesquisa foi realizada em uma escola de ensino público, localizada no conjunto Dirceu Arcoverde I, Cidade de Teresina, no estado do Piauí. O colégio iniciou seu funcionamento nos anos 90, sendo considerado um dos melhores no quesito ensino e aprendizagem no bairro Dirceu. Atende grande parte da população desta localidade, tendo em seu corpo discente apenas jovens entre 15 e 17 anos.

O nível de ensino oferecido é o médio integrado, sendo este totalmente implantado em 2018. Sendo assim, os alunos permanecem na escola em ambos os turnos, matutino e vespertino, sendo apresentados a várias formas de incentivo ao ensino. No entanto, a escola só disponibiliza as séries de 1º, 2º e 3º ano do ensino médio.

A estrutura física é considerada bem ampla, na qual, a mesma passava por reformas de novas salas, ou seja, é uma escola de médio porte. Composta por 12 salas de aulas, uma sala de professores, uma diretoria, um refeitório, dois banheiros, uma quadra poliesportiva, um laboratório de ciências (Química, Biologia e Geografia) e uma área de lazer.

A metodologia resulta da observação nas turmas de 1ºA e 3ºA, ambos no período da tarde, contando com um total de 65 alunos. Além de atividades transcritas sobre os fatos que ocorreram nas aulas, considerações sobre o conhecimento das dependências da escola como influência no ensino-aprendizagem e foram realizadas também entrevistas, uma sendo com o professor e outra com os alunos das turmas.



RESULTADOS E DISCUSSÃO

Observação em sala de aula

As observações tiveram início no dia 19 de setembro, se estendendo até o mês de outubro onde foi observado um total de horas 15 horas aulas divididas entre 1º e 3º ano, no qual os dias de observação eram nas terças, quartas, quintas e sextas cada uma com 50 minutos de durabilidade.

A turma do 1º ano possuía em média uns 32 alunos, apresentando um comportamento bem difícil. A primeira aula observada havia uma quantidade bem considerável de alunos na classe, isso ocorre devido à escola funcionar em regime integral. No primeiro momento, observamos que a turma era bem agitada, causando um atraso considerável na iniciação da aula, com isso dirigiu-se ao quadro transcrevendo o assunto tabela periódica, colocando exemplos de como localizar a família periódica, fazendo o desenho da mesma e explicando. Pode se notar uma falta de interesse por uma boa parte dos discentes, ora com conversas paralelas e dificuldades de se manterem atentos impedindo um bom andamento da aula.

Na segunda aula o professor deu continuidade ao assunto da aula passada, dando uma breve recapitulação do que foi dito anteriormente, neste momento colocou um exemplo e pediu para os alunos que determinassem o período e família do elemento por ele indicado, a turma respondeu ao professor que não saberia fazer. Então ele refez novamente o exemplo e percebeu que a dificuldade dos alunos estava na distribuição eletrônica. Diante dessa percepção colocou o diagrama de Linus Pauling, mas devido o tempo de a aula ter acabado não chegou a explicar. A terceira aula o professor dedicou especialmente para sanar a dúvida sobre distribuição eletrônica e passou alguns exemplos para serem feitos em sala de aula. A partir disto, houve a resolução de algumas questões que os alunos tinham dificuldade. Na quarta aula o professor deu continuidade ao assunto de tabela periódica, adentrando as propriedades, mas devido ao mau comportamento dos educandos, a aula foi dada como encerrada por ele com 20 minutos. Outras aulas foram observadas e tiveram o mesmo método, quadro e exemplificação, notou-se que essa forma incomodava muitos os alunos e que por



isso eles ficavam muito dispersos e conversavam muito, pois as aulas se mostravam bastantes cansativas. De modo geral, a classe é considerada regular.

Dessa maneira, a turma de 3º ano contava com a presença média de 33 alunos. O conteúdo ministrado era “Compostos aromáticos”. A turma possuía um comportamento bem equilibrado, podendo a aula ser conduzida tranquilamente, havia uma minoria de alunos difíceis de lidar, porém destacava-se um pequeno grupo de alunos que se apresentavam com bastante interesse em aprender, no qual, os mesmos faziam perguntas e resolviam os exercícios passados pelo professor. De modo geral, a turma pode ser classificada com um desempenho bom.

A escola observada sem dúvidas apresenta uma série de qualidades. O mesmo possui diversas atividades artísticas com as oficinas por eles oferecidas, além da participação em feiras de ciências, algo que os alunos se mostram bastantes adeptos, tanto que a grande maioria sempre participa desta atividade.

Em ambas as salas, foi possível observar que nenhuma das classes estavam livres de situações que se tornam cotidianas no ambiente escolar, portanto, as maiores dificuldades estão correlacionadas ao comportamento dos alunos. Sendo assim, é perceptível um mau comportamento de alguns, podendo atrapalhar a aprendizagem de alunos que realmente desejam obter conhecimento. Outra adversidade é a falta de interesse, uma vez que são desenvolvidas atividades que saem da rotina de aulas expositivas, alguns alunos não as realizam. Portanto, conversa paralela é uma das maiores dificuldades encontradas, pois as mesmas impossibilitam um andamento produtivo da aula.

Estrutura física escolar

A estrutura física de uma escola é um pré-requisito de suma importância para melhorar o processo de absorção do conteúdo por parte do educando, isto é, uma espécie de discurso que institui na sua materialidade, um sistema de valores como ordem, disciplina e vigilância, marcos para a aprendizagem sensorial e motora, e toda uma semiologia que cobre diferentes símbolos estéticos, culturais e também ideológicos (FRAGO, ESCOLANO, 1998).



Ao observar o local, é possível perceber que a escola precisa de reformas, porém, algumas salas já estão passando por este processo, e pinturas novas, pois as paredes do local já se encontram danificadas. No entanto, a escola tem uma estrutura bem ampla, disponibilizando-se de ar-condicionado em todas as salas de aulas, de professores e diretoria. Desse modo, a climatização faz com que melhore o rendimento escolar, além de proporcionar tranquilidade e conforto. Por outro lado, as salas de aulas possuem um espaço até amplo, mas com o grande número de alunos é necessário aumentar a quantidade de carteiras em cada sala. Assim, evitando problemas tanto por parte dos professores para ensinar, como para os alunos aprenderem.

A escola possui dois banheiros, sendo um masculino e o outro feminino. Há também o refeitório, que ocupa um espaço considerável, possuindo espaço para guardar a merenda escolar e ventiladores para a climatização do local. Já o pátio é amplo e coberto, com uma quadra, facilitando as atividades de Educação Física. Por fim, tem o laboratório de ciências, que é dividido para três disciplinas: Química, Biologia e Geografia, e dispõem de diversos materiais e instrumentos como vidrarias, reagentes, microscópio, mapas, mesas, carteiras e quadro. Contudo, o mesmo não é utilizado com frequência, pois os professores tendem a dar mais aulas expositivas do que aulas práticas, o que ocasionou no acúmulo de muita poeira no laboratório devido à falta de utilização.

Tendo em vista o que foi dito sobre a estrutura física da instituição, o espaço escolar não é apenas um continente, um local que abriga alunos, livros, professores, onde se realizam atividades de aprendizagem, mas é também um conteúdo, ele mesmo educativo. Posto isso, Escola é mais do que quatro paredes, é aprendizagem, relações sociais e formação de pessoas, gerando ideias, sentimentos, busca do conhecimento e despertando o interesse em aprender, ou seja, além de ser algo aprazível e confortável, tem que ser pedagógico (DAVIS, 1993).

Entrevista com o professor

No decorrer das observações, pode-se conversar informalmente com o docente, em que consideramos uma espécie de entrevista com o professor responsável pelas aulas de química das turmas escolhidas, com o objeto de compreender melhor sua experiência



profissional, suas metodologias e opinião sobre o ensino de química. Em seu relato, o professor conta que possui pouca experiência no magistério, o mesmo afirma que é recém-formado.

A respeito das suas aulas e suas metodologias, o docente considera importante que os alunos consigam compreender a realidade do mundo atual a partir dos conteúdos ministrados, tendo como finalidade torná-los cidadãos mais críticos e que tenham noções de cidadania para que possam exercê-la de uma forma melhor no futuro. A respeito do livro didático disponível no colégio, o professor enfatiza que é um material que poderia transcrever mais assuntos. Apesar disso, o mesmo afirma que o livro didático não é a única forma de transpassar conhecimento, nos informando que utiliza de materiais complementares para a elaboração das aulas. Por conseguinte, há ocorrência de aulas no laboratório em que são realizados experimentos voltados aos assuntos abordados em sala de aula.

Todavia o mesmo salienta que boas partes destas ideias apresentam para o conselho da escola são negadas por falta de recursos dispostos para atividades extras. Outro detalhe que nos chama a atenção, é a insatisfação do mesmo, pois relata que suas aulas na turma do 1ºA é de extrema dificuldade, devido à ausência de compromisso dos alunos para com o professor e a si mesmos. Assim, surge uma resistência por parte dos educandos em não fazerem silêncio e de se dispersarem enquanto o docente os convoca para adentrarem a sala, sendo necessário colocar ou deixar alunos fora da classe.

A partir das observações feitas, notamos que o professor não tem domínio da sala devido à enorme dispersão dos alunos e a sua falta de atenção com os mesmos, logo, apenas os alunos com maior interesse obtinham uma maior disposição do docente. Na aplicação de atividades fora da sala de aula também houve um desinteresse dos alunos, no qual, o professor se sente desestimulado para propor novos métodos.

Ocorre também uma ausência de comunicação com os alunos, logo, a relação professor e aluno em meio ao ensino-aprendizagem, dependem basicamente de um ambiente estabelecido pelo professor, da relação com seus alunos, de sua habilidade de ouvir, refletir e discutir o nível de compreensão dos alunos e da criação das pontes entre o seu conhecimento e o deles (BRAIT, 2010).



A relação entre ambos no processo de ensino-aprendizado é marcada pela influência do professor sobre o aluno e vice-versa, tendo efeitos mútuos, ou seja, a construção do conhecimento dos mesmos se dá através das interações (BARIANI; PAVANI, 2008, p.67-75; MORALES, 1999.).

Entrevista com os alunos

Os alunos foram convidados a responderem um breve e simples questionário com três questões nas quais eles respondiam apenas assinalando “Sim” ou “Não”, sem precisarem se identificar (para garantir que não ficassem receosos).

A primeira questão era: Você gosta de ir para a escola? Foram 86% de alunos da turma que assinalaram “Sim” como resposta, ou seja, a maioria dos alunos gosta de estar no ambiente escolar. Por conta do tempo curto, não se pôde aprofundar esta questão a fim de saber os motivos específicos que tornam a escola um ambiente agradável na opinião dos alunos, mas sem dúvida este resultado já nos mostra algo muito importante e positivo, pois demonstra que eles estão na escola por vontade própria e não apenas por imposição dos pais.

Como citado anteriormente, não foi possível entender quais os reais motivos dos alunos gostarem de ir à escola, mas podemos salientar alguns pontos que notamos a partir do interesse dos alunos, ou seja, a maioria se faz presentes apenas para encontrar os amigos, namorar, uma forma de lazer e por causa da merenda. No entanto, a minoria está interessada em entrar numa faculdade ou até mesmo uma maior perspectiva de vida.

A segunda questão era: Você gosta das aulas de Química? 55% dos alunos assinalaram a alternativa “Sim”, algo que demonstra que as aulas do professor têm um desempenho regular para bom. O fato de uma grande maioria ter respondido “Sim” é muito relevante, considerando que as aulas de química são de certa forma, classificadas pelos alunos, na maioria das vezes, como uma das mais “chatas” e difíceis, muitos nos relataram que tem extrema dificuldade durante a aula ou na resolução de questões em casa.

É possível perceber que uma pequena parcela dos alunos não gosta das aulas de química, tendo como fatores a dificuldade em compreender e assimilar os conhecimentos da



disciplina, considerando seu processo de aprendizagem fundamentado apenas na memorização. No entanto, é importante que, de modo particular, o professor possa investigar quais são os motivos e as expectativas dos alunos em relação à disciplina de Química. Possibilitando a busca de soluções para vencer os impasses no aprendizado e ampliar os conhecimentos e a percepção dos mesmos acerca da Química. Um bom mestre precisa ter, como principal preocupação, gerar laços favoráveis entre seu discípulo e o conteúdo que ensina, para que ambos, professor e aluno, descubram o prazer de aprender (BECKER, 2010).

A terceira e última questão era: Você consegue relacionar os conteúdos de Química com a sua realidade? Essa é uma pergunta importante, considerando que a química é muito presente em nosso dia-a-dia. Foi realizada uma breve explicação dessa questão para que os alunos pudessem compreendê-la mais facilmente. Nesta questão, foram 60% de alunos que assinalaram a alternativa “Não”. Este talvez seja o resultado que mais chamou a atenção, pois demonstra que os conteúdos trabalhados não teriam proporcionado a relação entre o cotidiano e os assuntos abordados na sala de aula.

Uma das hipóteses apontadas pelos alunos é a de que o professor não relaciona a química com o cotidiano, não utilizando de experimentos para que pudessem obter uma visualização melhor de como ocorre na prática à teoria explicada em sala de aula. No entanto, a experimentação se tornaria um fator indispensável para despertar a curiosidade do aluno, a motivação, estimular a criatividade, entre outros (OLIVEIRA, 2010).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme o que foi abordado, as situações observadas servirão como uma forma de preparo profissional, já que é nesta etapa que o discente terá contato com as metodologias necessárias a serem adotadas a partir do momento que se tornar o transmissor do conhecimento, o professor também deve se atentar que o seu método de ensino pode sofrer pequenas variações, dependendo da turma em geral e dos alunos que esta apresenta. Também é de se levar em consideração, a estrutura física da escola que, para os padrões públicos, traz



um certo conforto, tanto para o aluno quanto para o professor, fato que auxilia no ensino-aprendizagem.

Após esta jornada de observação, pode-se perceber que a realidade da escola e da prática docente não é tão simples e fácil como se imagina, e as coisas nem sempre saem como planejado. Diante disso, torna-se evidente que ser professor significa superar desafios, pois é indubtable que lidar com indivíduos completamente diferentes uns dos outros, não é tarefa fácil. Portanto, necessita-se, antes de tudo, de muito amor e dedicação para superar esses obstáculos.

REFERÊNCIAS

- ARAGÃO, R. F.; SILVA, N. M. A. **OBSERVAÇÃO COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA NO ENSINO DE GEOGRAFIA**. Fortaleza: Geosaberes, 2012.
- BARIANI, I. C.; PAVANI, R. **SALA DE AULA NA UNIVERSIDADE: ESPAÇO DE RELAÇÃO INTERPESSOAIS E PARTICIPAÇÃO ACADÊMICA**. Revista Estudos de Psicologia. 2008. v. 25. n.1, p.67-75.
- BECKER. F. **O CAMINHO DA APRENDIZAGEM EM JEAN PIAGET E PAULO FREIRE: DA AÇÃO À OPERAÇÃO**. Vozes, São Paulo, 2010.
- BRAIT, L. F. R.; MACEDO, K. M. F.; SILVA, F. B.; SILVA, M. R.; SOUZA, A. L. R. **A RELAÇÃO PROFESSOR/ALUNO NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM**. Revista Eletrônica do Curso de Pedagogia do Campus Jataí. v.8. n.1 jan/jul 2010.
- DAVIS, C. O. **PSICOLOGIA NA EDUCAÇÃO**. São Paulo: Cortez, 1993.
- FRAGO, A. V. e ESCOLANO, A.: **Currículo, Espaço e Subjetividade: A Arquitetura como programa**. Rio de Janeiro, Editora DP & A. 1998.
- FREIRE, M. **OBSERVAÇÃO, REGISTRO, REFLEXÃO: Instrumento Metodológico**. Série Seminários. São Paulo: Espaço Pedagógico, 1992.



MILANESI, I. **ESTÁGIO SUPERVISIONADO: CONCEPÇÕES E PRÁTICAS EM AMBIENTES ESCOLARES.** Educar em Revista, Curitiba, v. 46, n. 46, p. 209-227, out./dez., 2012.

MORALES, P. **A RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO – O QUE É COMO SE FAZ.** São Paulo: Loyola, 1999.

OLIVEIRA, J. R. S. **A PERSPECTIVA SÓCIO-HISTÓRICA DE VYGOTSKY E SUAS RELAÇÕES COM A PRÁTICA DA EXPERIMENTAÇÃO NO ENSINO DE QUÍMICA.** Alexandria: Revista de Educação em Ciência e Tecnologia, v. 3, n. 3, 2010.

OLIVEIRA, R. G. **TORNAR-SE PROFESSOR DE MATEMÁTICA: UMA EXPERIÊNCIA DE APRENDIZAGEM COOPERATIVA,** Pesquisa em Educação Matemática e Transformação Social: Perspectivas e Interfaces, 2005. v.1. p. 01-01.

PICONEZ, Stela C. B. (org.). **A PRÁTICA DE ENSINO E O ESTÁGIO SUPERVISIONADO.** Campinas/SP: Editora Papirus, 1991.

PIMENTA, S. G.; LIMA, M. S. L. **ESTÁGIO E DOCÊNCIA.** 2.ed. São Paulo: Cortez, 2004.

PRADO, M. R. **A IMPORTÂNCIA DOS ESTÁGIOS NO CURSO DE PEDAGOGIA.** 2009. Disponível em: <<http://unicastelo.br/portal/a-importancia-dos-estagios-no-curso-de-pedagogia-2/>>. Acesso em: 30/12/2018.

ZANON, D.A.V. **O ESTÁGIO NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE QUÍMICA: REFLEXÃO E TOMADA DE CONSCIÊNCIA DA PRÁTICA EDUCATIVA COM O AUXÍLIO DE UMA TECNOLOGIA DE IMAGEM.** XVI ENDIPE - Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino - UNICAMP - Campinas – 2012.

ZINKE, I. A.; GOMES, D. **A PRÁTICA DE OBSERVAÇÃO E A SUA IMPORTÂNCIA NA FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE GEOGRAFIA.** EDUCERE XII Encontro - congresso nacional de educação; 2015.